

Resenha de HAYES, Bruce. *Introductory Phonology*. Blackwell Textbooks in Linguistics, Oxford: Wiley-Blackwell, 2009

Surge um clássico em fonologia

letrônica

Gisela Collischonn*

Este manual de introdução à fonologia para alunos de graduação contém 15 capítulos, pensados para corresponderem a um semestre de aulas. O livro recobre de maneira admirável os principais aspectos da análise fonológica, desde o estruturalismo até os dias atuais, sem fazer discussão de teorias, ou seja, focalizando unicamente a compreensão dos padrões fonológicos recorrentes.[†]

Os primeiros quatro capítulos centram-se em aspectos básicos: noções de fonética, regras, níveis de representação e traços. Os capítulos seguintes tratam do papel da morfologia na fonologia, partindo de noções morfológicas fundamentais para o estudo de fonologia (capítulo 5), passando por alternâncias morfológicas que se podem explicar através de regras fonológicas plenamente produtivas (capítulo 6), padrões de alternância mais complexos, criados pela aplicação de regras fonológicas ordenadas (capítulo 7), até chegar a análises morfofonêmicas (capítulo 8). O papel de a morfologia em fonologia também proporciona o pano de fundo para a reflexão acerca da produtividade em fonologia (capítulo 9) e da definição de domínio de regras (capítulo 10). O capítulo 11 dedica-se à mudança fonológica e o seguinte às representações fonológicas radicalmente abstratas, em que são propostos elementos que nunca se observam nas formas de superfície. Os capítulos finais centram-se nas chamadas propriedades suprasegmentais: sílaba (capítulo 13), acento (capítulo 14) e tom e entoação (capítulo 15). Além dos capítulos, contém um prólogo e um apêndice que apresenta algumas indicações sobre o que é preciso levar em conta ao elaborar a resposta para responder

* Gisela Collischonn tem graduação e mestrado em Letras pela UFRGS e doutorado em Linguística e Letras pela PUCRS. Atualmente é Professora Associada do Instituto de Letras da UFRGS. Coordena o GT de Fonética e Fonologia da ANPOLL. É também Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS.

† Versão em inglês desta resenha foi submetida à página da *web* LINGUIST List em <http://linguistlist.org/issues> e publicada sob o número 20.4168.

questões e exercícios em fonologia. Cada capítulo finaliza com um conjunto de exercícios e uma seção denominada “Further reading”, que inclui referências para os idiomas discutidos além de sugestões de leituras avançadas.

O texto faz uso de recursos visuais para guiar a leitura dos alunos. Cada capítulo é dividido em seções de não mais de quatro páginas. Novos termos são introduzidos em negrito. Há grande quantidade de gráficos, esquemas e outros elementos visuais para facilitar a compreensão das idéias apresentadas. Há inúmeras indicações de páginas na *web* muito úteis para que o leitor possa aprofundar a análise dos dados discutidos. Há um emprego inteligente das referências cruzadas entre as diversas seções e o livro também contém um índice remissivo, muito útil para localizar as línguas e os fenômenos discutidos.

A seguir, apresentamos algumas informações mais detalhadas a respeito de cada um dos capítulos do livro, seguidas de uma apreciação geral.

O capítulo 1 *Phonetics* fornece em linhas gerais a descrição sobre como se produzem os sons, os critérios para sua classificação; traz também boas orientações sobre a transcrição fonética com símbolos do IPA. Os exercícios abordam transcrição e o emprego de diacríticos, bem como perguntas relacionadas à (im)possibilidade de realização de determinados sons.

O Capítulo 2 *Phonemic Analysis* introduz as noções de contraste e alofonia. Na p.30, o autor afirma que são as derivações que formam o coração da argumentação fonológica, aconselhando o leitor a estudá-las em vez de deixá-las de lado quando estiver lendo uma análise. Também se introduzem aqui informações sobre formalismo de regras, por exemplo, a barra diagonal indicando contexto (/) e o significado dos colchetes. Na segunda parte do capítulo, os procedimentos analíticos para chegar ao inventário fonêmico são apresentados e ilustrados com a gradual identificação das distinções consonantais em maasai (Tanzânia/Quênia). Os exercícios permitem aplicar os métodos descritos no capítulo a outra língua do grupo Nilótico, o Lango, falado em Uganda .

O Capítulo 3 *More on phonemes* trata de questões relacionadas com a realidade dos fonemas (por exemplo, o papel do princípio fonêmico na escrita, e a influência da fonologia nativa sobre a discriminação de sons estrangeiros, etc..) e introduz as noções de variação livre, de contraste contextualmente restrito e de restrições fonotáticas.

O Capítulo 4 *Features* apresenta os traços distintivos binários, baseados em Chomsky e Halle (1968), com algumas adaptações. Há aqui uma seção preciosa que explica quando o emprego de traços em regras é importante e quando seria mais sensato utilizar segmentos completos em vez de traços. Também são indicados procedimentos para encontrar os traços necessários e indispensáveis para expressar uma determinada regra e se explica porque se

deve proceder desta forma. O capítulo é muito rico em quadros organizados de acordo com os diversos conjuntos de segmentos: consoantes com um único ponto de articulação, consoantes com articulação complexa, e vogais. Há também um valioso gráfico sobre como determinados diacríticos são expressos através de traços (a exemplo do diacrítico ‘^h’, que é representado em traços como [+glote espriada, - glote constrita]). Na seção de exercícios, indica-se o uso do software “*FeaturePad*”, desenvolvido por Kie Zuraw e que está disponível na *webpage* do autor, o qual ajuda a descobrir os sons incluídos em uma classe de traços, entre outras aplicações. Os exercícios abordam o uso de traços para expressar as classes naturais e as regras.

O Capítulo 5 *Morphology* apresenta algumas informações fundamentais sobre morfologia, para auxiliar a compreensão do que será apresentado nos capítulos seguintes a respeito da interação entre morfologia e regras fonológicas. Inclui os passos de uma análise morfológica bem como informação sobre a notação de regras morfológicas. Os exercícios abordam a escrita de regras morfológicas e a análise de paradigmas morfológicos regulares (flexão em verbos japoneses).

O Capítulo 6 *Phonological Alternation I* introduz a ideia de uma representação subjacente única para cada morfema. A ideia de componentes ordenados - um léxico profundo seguido de componente morfológico, e este, por sua vez, seguido de um componente fonológico - é introduzida e ilustrada graficamente. A segunda parte traz diferentes tipos de neutralização em diversas línguas, buscando ilustrar a ideia de um contraste léxico que é ocultado pela aplicação de regras neutralizadoras. Ao final do capítulo, um problema raramente debatido em livros de introdução à fonologia é apresentado, a quase-neutralização, ou seja, quando um contraste é aparentemente neutralizado para a percepção auditiva, entretanto análises acústicas indicam uma diferença consistente. O autor sugere que o aprendiz de fonologia deve também aprender a realizar medições em fonética acústica e a executar experimentos simples, a fim de ser capaz de verificar se um suposto caso observado constitui-se de fato como neutralização. A seção de exercícios contém uma série de questões acerca de fenômenos fonológicos em Lango (idioma que já tinha sido objeto de exercícios no capítulo 2), as quais servem também para orientar o estudante sobre os passos a serem realizados na solução de problemas.

O Capítulo 7 *Phonological Alternation II* dá continuidade ao tema da neutralização, considerando o papel que o ordenamento entre regras tem no estabelecimento/ocultamento de contrastes. Isto se exemplifica com o caso clássico da interação entre elevação vocálica e *tapping* no inglês do Canadá. Um exemplo menos conhecido que também é trabalhado é o da

interação de morfologia com as regras de encurtamento e de alongamento de vogal no Chimwiini (língua bantu, Somalia). Esta língua também exemplifica a argumentação por uma específica representação subjacente.

O Capítulo 8 *Morphophonemic Analysis* mostra como alternâncias paradigmáticas de um morfema aparentemente complexas podem ser desenredadas em um conjunto de regras fonológicas aplicado à saída das regras morfológicas. A primeira parte centra-se principalmente em como configurar as representações subjacentes e apresenta os passos de uma análise e as hipóteses nas quais se baseia a argumentação em favor de uma ou outra forma subjacente. Na continuação, isto é ilustrado com o Lardil (língua da Austrália). O capítulo termina com uma apresentação das tradicionais relações de ordenamento entre regras (por exemplo, alimentação, contrassangramento, etc.). Os exercícios incluem a dedução das formas de saída para representações em Lardil invertendo-se o ordenamento entre as regras e a análise de alternâncias paradigmáticas na língua australiana Yidiñ.

No Capítulo 9 *Productivity*, a noção de a produtividade em fonologia é ilustrada com regras de diversos graus de produtividade em inglês e noutros idiomas. O texto mostra que uma regra pode ser real, ainda que não seja 100 % produtiva. Isto se exemplifica com o vozeamento de /f/ em inglês (por exemplo, *knife* vs *knives*). Ainda que haja muitas exceções, a regra está ativa, o que se observa pelo fato de que ocasionalmente se estende a novas formas, como *gulf* ou *chief*, e também em testes de pseudo-palavras (por exemplo, *heaf* vs *heaves* ~ *heafes*). O texto também aborda a controvérsia sobre a existência de regra versus a memorização pura e simples de formas alternantes. O ponto de vista adotado é o de que formas memorizadas bem podem coexistir com uma regra que as deriva no sistema cognitivo do falante. O capítulo termina discutindo a questão de como avaliar a produtividade experimentalmente e como decidir quando uma alternância deve ser contabilizada no sistema de regras e quando é melhor tratá-la como um fato do léxico. Os exercícios abordam testes de produtividade com o uso de ferramentas de busca de internet e testes ‘wug’.

O Capítulo 10 *The Role of Morphology and Syntax* aborda principalmente a questão da definição de limites morfológicos ou sintáticos para as regras. Na seção de exercícios, solicita-se identificar efeitos delimitadores e usá-los para justificar um domínio específico para uma determinada regra.

O capítulo 11 *Diachrony and Synchrony* explica que regras fonológicas e mudanças sonoras, ainda que relacionadas entre si, não são a mesma coisa. O conceito de reestruturação fonológica é introduzido e relacionado tanto com inventários fonêmicos quanto com regras. Como ilustração, apresenta-se o processo de fusão, no inglês, entre a aproximante alveolar

labial desvozeada /w/ (como em 'whale ') com sua contraparte vozeada /w/ ocorrido na maior parte dos dialetos americanos. O autor mostra também que as interações opacas de regra podem levar em última instância à criação de fonemas, como é o caso das vogais arredondadas anteriores em alemão, produzidas por um processo de harmonia vocálica ativo outrora, cujos efeitos ficaram retidos nas formas atualmente atestadas. Os exercícios tratam de hipercorreção e de reestruturação de contrastes.

Capítulo 12 *Abstractness* se ocupa de neutralizações absolutas e analisa também a possibilidade de alternativas menos abstratas para esse tipo de análise. O caso clássico de alternância vogal ~ zero no polonês é apresentado juntamente com maneiras alternativas de analisá-lo, a análise do 'Jer' (abstrata) e a análise de epêntese (menos abstrata). Os prós e contras de cada uma são considerados em relação a questões de aquisição, de realidade psicológica, de história da língua e de economia de análise. Ainda que o ponto de vista pareça estar inclinado para a análise menos abstrata, a conclusão é de que as duas abordagens têm defeitos e precisam ser aprimoradas pra fazer frente a argumentos em contrário. A seção final do capítulo introduz brevemente a análise abstrata do acento do inglês de Chomsky e Halle (1968), a qual adota a idéia de que palavras como *giraffe* e *gazelle* tenham subjacentemente uma consoante geminada e terminem num /ɛ/ final: /dʒə'ræffe/ /gə'zelle/. Assim, a atribuição de acento pode tornar-se regular nestas palavras, sendo depois os segmentos geminados simplificados e o /ɛ/ final apagado, ambos constituindo processos de neutralização absoluta. O autor mostra que a análise exige suposições bastante improváveis sobre o caminho seguido pelas crianças ao aprenderem sua língua e que a análise alternativa de que o acento em inglês seja fonêmico provavelmente seria mais razoável. A seção de exercícios inclui um exercício sobre alternâncias ditongo ~ monotongo no espanhol, por exemplo, *sentamos* vs. *siento*, em que se solicita a proposição e discussão de duas análises distintas, uma neutralização absoluta e outra com uma solução menos abstrata.

O capítulo 13 *Syllables* adota a posição de sílabas são inerentes ao comportamento fonológico humano e são importantes para entender o padrão de aplicação de muitas regras. O capítulo se ocupa de princípios gerais de silabificação, de regras e derivação de estrutura silábica e das formas em que a estrutura silábica influi na fonologia segmental. Ainda que em geral se evitem as estruturas arbóreas no livro, apresenta-se aqui uma representação de dois níveis para a sílaba. Os exercícios tratam do papel de sílabas nas regras, da distribuição fonotática de consoantes e da alofonia do 'r' alemão em relação à estrutura silábica.

Capítulo 14 *Stress, Stress Rules, and Syllable Weight* adota da fonologia métrica a idéia de que sílabas e não segmentos são os portadores de acento, porém não adota os dispositivos representacionais desenvolvidos pela fonologia métrica, tais como pés ou outro tipo de constituinte. As regras de acento são expressas no formato tradicional (do SPE), porém com a substituição das unidades segmentais CV por sílabas. A fim de explicar como uma mesma regra se aplica a palavras de formatos diferentes, a notação de parênteses para dar conta de expansões fonológicas distintas é introduzida e explicada. Na parte final do capítulo, se introduz a distinção de peso silábico, e sua realidade psicológica é exemplificada com os metros poéticos tradicionais metros do persa e do latim clássico. A importância da noção de peso em relação aos sistemas de acento é exemplificada com o árabe clássico. No final do capítulo, discute-se se o acento inglês pode ser tratado através de uma regra semelhante ao do árabe clássico. O ponto de vista adotado é o de que, ainda que se reconheçam muitas exceções, não se pode considerá-las como razão suficiente para invalidar a hipótese de uma regra para as palavras que seguem o padrão geral, em consonância com a argumentação desenvolvida no capítulo 9 sobre graus de produtividade. O capítulo termina com uma exposição de como o uso de segmentos em lugar de sílabas tornaria incrivelmente complexa a regra de acento inglês; assim, advoga-se em favor da sílaba como um elemento fonológico. Os exercícios aplicam as noções de peso silábico e de regras com diferentes expansões a novos dados.

O Capítulo 15 *Tone and Intonation* introduz a questão de tom nas línguas, indicando brevemente a distinção entre línguas tonais, línguas de acento tonal e línguas de entoação. A parte principal do capítulo está dedicada à entoação do inglês e a descrição se utiliza do quadro da fonologia autossegmental. Alguns dos contornos entoacionais mais conhecidos são identificados: o declarativo, o de pergunta enfática, o de pergunta regular e o de afirmação óbvia. A parte final do capítulo explora um pouco mais a idéia de tons como autossegmentos, apresentando efeitos de estabilidade tonal e de formação de contorno em línguas tonais. A seção de exercícios aborda as regras de associação texto-melodia (tonal) para o inglês e a formação de tons de contorno em sândi tonal no Etsako (língua Benue-Congo da Nigéria).

Este livro realiza um excelente trabalho de introdução à fonologia como praticada hoje, sem entrar em controvérsias teóricas. Todas as noções fundamentais são apresentadas, combinada com a apresentação e explicação detalhada dos procedimentos de análise fonológica e com reflexões sobre o que constitui conhecimentos da língua no âmbito dos sons e como este conhecimento pode ser observado pelo investigador. Até mesmo noções menos

acessíveis tornam-se fáceis de entender pela maneira simples como são apresentadas e exemplificadas.

Cada capítulo inclui exposição detalhada de fenômenos em línguas com transcrições exatas dos dados (inclusive dados do inglês), nas quais se adotam os símbolos do IPA (e não do *American Phonetic Alphabet*, como é comum em livros-texto americanos, ver, por exemplo, Odden, 2005). Quando um símbolo aparece pela primeira vez nas transcrições, há sempre uma pequena explicação do que ele representa em termos articulatórios. Esta prática é bem-vinda, levando em consideração especialmente os estudantes que não são falantes nativos do inglês. Há poucos erros de transcrição e uma lista de correções se encontra disponibilizada na página *web* do autor: <http://www.linguistics.ucla.edu/people/hajes/IP>

Os conjuntos de exercícios ao final de cada capítulo são especialmente bem elaborados. A maioria permite que os estudantes apliquem a lógica de análise elaborada no capítulo a dados adicionais da mesma língua, ou de uma língua aparentada. Os exercícios de capítulos posteriores, por exemplo, o exercício sobre tom no Etsako (pág. 313-4), oferecem a oportunidade de aplicar o conhecimento acumulado nos capítulos anteriores e aplicá-los na formulação de regras e no estabelecimento de representações subjacentes.

De valor são também as inúmeras as diretrizes dadas sobre como obter dados confiáveis de falantes nativos e como testar a realidade de regras e de distinções fonêmicas. Nesse contexto, o autor também adverte que a ortografia não constitui argumento suficiente para uma determinada análise e deixa claro que toda análise tem de basear-se no mesmo tipo de dados ao qual as crianças têm acesso na aquisição do idioma.

Há uma opção clara para concentrar-se nas regras e derivações e não nas representações fonológicas mais complexas. Alguns elementos de estrutura sub- ou suprasegmental sequer são mencionados, tais como geometria de traços, esqueleto CV e outros tipos de dispositivos desenvolvidos na fonologia multilinear. Por outro lado, o texto é muito explícito sobre a notação de regras: o capítulo 2 introduz a representação de barra diagonal + sublinhado (/) para indicação do contexto de aplicação e o uso de colchetes para a representação da conjunção de traços; o capítulo 6 apresenta as variáveis gregas; o capítulo 13 apresenta a notação de chaves no contexto de discussão sobre os processos que afetam segmentos de coda (p.259) e também alternativas a esta notação em termos de estrutura silábica (p.265); finalmente o capítulo sobre acento apresenta a notação de parênteses e discute a possibilidade de que uma regra tenha diferentes expansões. Em outras palavras, o formalismo de regra não se apresenta como informação isolada, mas está integrado à discussão sobre como determinado conjunto de dados poderia ser analisado.

Este livro tem tantos acertos na forma como conduz o leitor no aprendizado da fonologia que seria impossível destacá-los todos aqui; porém, há também um aspecto em que o caminho escolhido não nos parece tão acertado. Como antes mencionadas, no capítulo 14, regras de acento no formato SPE são adotadas. Como o autor reconhece na seção de leituras sugeridas (p.290), este enfoque é adotado por razões pedagógicas. Como o foco está na questão de como entender a atribuição de acento e não na polemização entre distintas abordagens teóricas do acento, termos como ‘pé’ e ‘mora’ nunca são mencionados. Desta forma, uma regra para derivar o acento na penúltima sílaba, como em polonês, fica sendo $\sigma \rightarrow [+acento] / _ \sigma]_{palavra}$. O objetivo de reduzir a terminologia a um mínimo é compreensível em um livro de introdução que não pretende deter-se em controvérsias teóricas; porém nos parece difícil ensinar acento sem mencionar pés. A abordagem adotada reduz acento às regras de atribuição de [+acento], ao passo que a idéia de que acento se baseia nas relações de proeminência fica totalmente obscurecida.

Trata-se de um pormenor frente às tantas virtudes deste livro. No nosso entender, o texto alcança plenamente o objetivo de fazer com que a análise fonológica seja significativa para o estudante universitário, incluindo o estudante brasileiro. Os exemplos do inglês discutidos são cuidadosamente apresentados, as transcrições são corretas e sempre apresentadas com explicações sobre a variedade descrita; há indicações de atlas lingüísticos e outras bases de dados de onde foram retiradas, inclusive bases on-line. Por todas essas razões, considero o texto adequado inclusive para aqueles cujo interesse principal é a estrutura sonora da língua inglesa. Com isso não queremos dizer que o texto é focado no estudante anglófono; pelo contrário, dentre os textos de introdução disponíveis, este nos parece um dos que menos idealiza um leitor nativo de país de língua inglesa. Por sua clareza, sua apresentação cuidadosa, seu uso coerente de símbolos fonéticos e de valores de traços, e seu estilo de redação acessível este livro tem tudo para tornar-se um clássico entre os manuais de fonologia.

Referências

ODDEN, D. *Introducing Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

Recebido em: 13/08/2009
Aceito em: 07/10/2009
Contato: giselac@via-rs.net